

## **UM “NOVO” INTERESSE PELA ESCATOLOGIA DA PESSOA?**

*Geraldo Luiz De Mori SJ*

Os últimos anos parecem suscitar um novo interesse pela escatologia da pessoa, como indicam as obras que comentaremos a seguir, além de outras publicadas recentemente<sup>1</sup>. A que se deve um tal interesse? É ele portador de uma real novidade? Vejamos o que os textos que analisaremos nos sugerem, em sua diversidade de estilos, dimensões e propósitos.

A primeira obra, “Y a-t-il quelque chose après la mort?”<sup>2</sup>, da coleção *Questions de Vie*, retoma o debate organizado por Claude Houziaux, pastor, filósofo e teólogo da Igreja reformada do templo de l’Étoile, em Paris, sobre as crenças da vida após a morte na teologia cristã, nas religiões chinesas e no islã. Além de Houziaux, participaram deste debate o teólogo Claude Geffré, o sinólogo Cyrille J.-D. Javary e a teóloga muçulmana Mehrézia Labidi-Maïza. Esses autores propõem uma leitura inter-religiosa das questões suscitadas pelo fim da vida humana. Cada um apresenta a perspectiva de uma tradição religiosa diferente, sendo em seguida interrogado sobre um ou outro aspecto desconhecido dos demais interlocutores. A linguagem é de fácil acesso, pres-

---

<sup>1</sup> Só para lembrar algumas obras publicadas nos últimos anos no Brasil: R.J. BLANK, *A morte em questão*, São Paulo: Loyola, 1998; IDEM, *Escatologia da pessoa — Vida, morte e ressurreição (escatologia I)*, São Paulo: Paulus, 2000; M. HENNEZEL / J.-Y. LELOUP, *A arte de morrer: Tradições religiosas e espiritualidade humanística diante da morte na atualidade*, Petrópolis: Vozes, 1999; J. MOLTMANN, *A vinda de Deus*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

<sup>2</sup> C. GEFFRÉ / A. HOUZIAUX / C. J.-D. JAVARY / M. LABIDI-MAÏZA, *Y a-t-il quelque chose après la mort?*, Paris: L’Atelier, 2004. 109 pp., 20 X 11,5 cm. Coleção *Questions de Vie*, ISBN 2-7082-3767-5.

tando-se a uma larga difusão. O conteúdo é interessante, sobretudo para um não conhecedor das representações chinesas e islâmicas da vida no além.

O primeiro capítulo é de Houziaux que, retomando a afirmação de Ir. Marie du Saint-Esprit: “*nada posso saber sobre o que se passa depois da morte. Creio somente que um amor me espera*”, diz que o que subsiste após a morte é o mistério de nossas vidas retornando a Deus. “Durante nossa vida, diz ele, este mistério era o vestígio, a imagem e o esplendor da eternidade em nossa existência. Em nossa morte, ele passa à eternidade, ou melhor ele retorna à eternidade, subsistindo assim para sempre à luz de um outro Sol” (p. 21). No segundo capítulo, Javary expõe os principais traços das representações chinesas da morte e do além, dizendo que, à diferença da maioria dos povos, os chineses não migraram, tecendo com sua terra um laço tão estreito e íntimo que os associa às mudanças cíclicas do sol e da chuva. Nada mais estranho a eles do que os relatos criacionistas, como também a cesura que tais relatos instauram entre começo e fim, aqui e além. Para os chineses, nota o sinólogo francês, os mortos não desaparecem. Eles partem simplesmente para viver numa outra região, invisível certamente, mas nem distante nem inatingível. Esta vida, como toda forma de vida, é eterna. Por isso, os defuntos continuam vivos, enquanto ancestrais e objeto do culto familiar, retornando depois à forma indiferenciada de onde surgiram (p. 28). O terceiro capítulo é de C. Geffré que, partindo de uma análise de nossa condição mortal, busca compreendê-la sobretudo à luz dos dados bíblicos. A exemplo do Cristo, nota ele, a morte pode produzir vida e a vida eterna tornar-se a plena realização da comunhão em Deus começada aqui. No último capítulo, Labidi-Maïza mostra que para o Alcorão, a vida e a morte são dois aspectos inseparáveis de nossa existência, determinados por um decreto divino. Ela apresenta também os ritos funerários e as etapas que se sucedem após a morte: o fim do mundo, a morte do universo atual, a ressurreição dos corpos e o julgamento de cada um.

As obras de Nadeau e Chareire, respectivamente, “*Que deviennent les morts?: la mort et l’au-delà*” e “*La résurrection des morts*”<sup>3</sup>, abordam também a problemática da vida além da morte, mas somente numa perspectiva cristã. A primeira, escrita por uma teóloga canadense, é composta de três partes e dez capítulos, e a segunda, escrita por uma teóloga francesa, é composta de sete capítulos. Ambas são dirigidas a um largo público, sendo por isso de fácil compreensão para os não iniciados no jargão teológico.

O conteúdo das três partes do texto de Nadeau é assim distribuído: três capítulos de análise das diversas reações humanas diante da morte, vistas desde uma perspectiva histórico-antropológica; dois capítulos dedicados a um estudo do problema da morte na Bíblia; cinco capítulos consagrados a

---

<sup>3</sup> M.-T. NADEAU, *Que deviennent les morts?: la mort et l’au-delà*, Montreal: Médiaspaul, 2003, 141 pp., 19 X 13 cm, ISBN 2-89420-584-8; I. CHAREIRE, *La résurrection des morts*, Paris: L’Atelier, 1999, 128 pp., 23 X 17 cm, ISBN 2-7082-3424-2.

uma reflexão teológico-sistemática sobre a morte e a ressurreição. Nesta última parte, a autora retoma as duas principais opiniões que dominam hoje o debate teológico sobre a ressurreição, ambas atestadas pelo Novo Testamento: a que fala da ressurreição no último dia e a que prevê a ressurreição imediatamente depois da morte, tomando posição por esta última. Quanto ao texto de Chareire, seu ponto de partida é também a postura humana diante da morte, mas desde a perspectiva contemporânea, onde se nota um ressurgimento das crenças reencarnacionistas e uma crítica à esperança cristã na ressurreição, tida como uma forma de negação da morte, uma fuga dos combates humanos e uma ideologia justificadora da exploração e da dominação dos povos. Ela propõe também um estudo dos textos bíblicos, mas a partir dos eixos da aliança, responsável pela descoberta israelita do futuro prometido para além da morte, e da ressurreição do Cristo, pré-anúncio da nossa. A autora se interroga sobre a idéia de juízo e aquilo a que ele conduz segundo a tradição teológica: o inferno e o paraíso. Para ela, o pressuposto desta idéia é a noção de retribuição, que não leva em conta a gratuidade divina. Há portanto que repensar o juízo não a partir de tal pressuposto mas desde a perspectiva assimétrica do amor infinito de Deus.

As três publicações que brevemente apresentamos não propõem portanto nada de realmente novo no âmbito da escatologia da pessoa, sendo mais obras de divulgação das pesquisas e teorias que a teologia e as ciências da religião desenvolveram na segunda metade do século passado. Isso não significa porém que sejam mera repetição de tais pesquisas e teorias, pois o contexto a partir do qual foram escritas é novo, feito de uma paradoxal contradição entre um escondimento e uma exibição da morte. Como pensar a vida após a morte em tal contexto? Para a fé cristã, trata-se de reinterpretar os textos e as representações recebidos da tradição numa linguagem compreensível aos homens e mulheres dos nossos dias. O mesmo se pode dizer das outras tradições religiosas evocadas no primeiro livro acima apresentado.

É também esta a perspectiva da obra de Torres Queiruga “Repensar a ressurreição”<sup>4</sup>. Prosseguindo seu intento de repensar para hoje os grandes temas do cristianismo<sup>5</sup>, o A. propõe uma leitura atualizada do principal conteúdo da escatologia da pessoa, que é a fé na ressurreição dos mortos, partindo de uma análise crítica e aprofundada da ressurreição do próprio Jesus. A originalidade desta proposta encontra-se na articulação que ela opera entre cristologia e escatologia e na maneira como o teólogo galego sistematiza, desde sua teoria da “maiêutica histórica”, os resultados das últimas pesquisas da exegese histórico-crítica, a assim chamada “*third quest*” ou “terceira busca”.

<sup>4</sup> A. TORRES QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*, São Paulo: Paulinas, 2004. Tradução do original espanhol de 2003 por Afonso Maria Ligorio Soares, Anoar Jarbas Provenzi. São Paulo: Paulinas, 2004, 318 pp., 22,5 X 15,5 cm, Coleção Repensar, ISBN 85-356-1234-2.

<sup>5</sup> São conhecidas no Brasil as principais obras do autor nesse sentido: *A revelação de Deus na realização humana*, São Paulo: Paulus, 1995; *Repensar a cristologia*, São Paulo: Paulinas, 1999; *Recuperar a criação*, São Paulo: Paulus, 1999.

O livro é composto de seis capítulos e um epílogo. Já no primeiro: *A ressurreição: entre a fé e as interpretações*, Torres Queiruga chama a atenção para a diferença que existe entre o paradigma que viu o nascimento da confissão da ressurreição de Jesus e aquele no qual vivemos hoje, propondo a retomada da desmitologização formulada por Bultmann no século passado, tarefa já plenamente realizada pelos diversos métodos exegéticos mas ainda não totalmente cumprida pela teologia. Trata-se, diz ele, de adotar uma leitura não fundamentalista das narrativas pascais que leve em conta a nova situação da cristologia (não mais fundada na busca do extraordinário e do milagroso mas da humanidade real de Jesus), a nova consciência da criação (isenta de toda perspectiva intervencionista de um Deus que trabalha à base de ingerências pontuais), e um novo conceito de revelação (de caráter não autoritário mas maiêutico, que ajude a dar à luz o mistério que nos habita a todos).

No capítulo 2º: *A ressurreição em seu contexto originário*, o A. mostra as diversas formas de se falar da ressurreição no Novo Testamento, lembrando a anterioridade textual da tradição *formulária* (fórmulas que evocam o despertar de Jesus da morte ou sua morte e ressurreição, sumários da paixão, fórmulas de revelação, enunciados de aparição e de conhecimento) sobre a *narrativa* (as narrativas que falam do túmulo vazio ou das aparições do Ressuscitado) e a necessidade de situar a confissão neo-testamentária da ressurreição no quadro mais geral que a viu nascer: a sedimentação final da fé na ressurreição geral dos mortos, no período macabaico, com a aparição da apocalíptica; a afirmação da imortalidade, no período helenístico; a convicção de que alguns personagens emblemáticos do passado de Israel estavam vivos ou tinham sido elevados aos céus (Henoc, Abraão, Elias, João Batista).

A partir desses dados, Torres Queiruga propõe no capítulo seguinte: *A ressurreição na compreensão atual*, alguns critérios para uma sã compreensão hoje da fé na ressurreição. Segundo ele, o paradigma que viu nascer esta fé é mitológico e não serve mais para dizer o que tradicionalmente se entende por ressurreição. O que aconteceu com Jesus depois da morte, diz ele, é de ordem transcendente. Não podemos portanto recorrer a representações espacio-temporais para expressá-lo. Nesse sentido, há que se dar um outro valor aos relatos do sepulcro vazio e aos das aparições, ambos construídos desde tais representações. Isso não significa negar a realidade da ressurreição, mas a forma como a mesma foi captada historicamente, o que supõe um profundo exercício de reinterpretação. A linguagem dos milagres e a visão intervencionista devem portanto ser eliminadas. O que acontece com Jesus possui uma unicidade única, mas deve ser compreendido desde a perspectiva do que já era a experiência de Israel ao longo de uma história que se entrelaçou com a dos povos vizinhos. Perde-se assim o aspecto espetacular da forma como era entendida a fé na ressurreição e ganha-se em realismo autêntico e em aproximação à vida e à morte dos cristãos.

No capítulo 4º: *Nascimento e significado da fé na ressurreição*, o A. apresenta as conseqüências das análises feitas nos capítulos anteriores. Retomando as

representações criadas pelas principais matrizes religiosas ao redor do culto dos mortos (a bíblica, que afirma o caráter pessoal e a unicidade dos mortos; a grega, que supõe a imortalidade da alma; a oriental, que vê o Absoluto como única realidade verdadeira, tendendo por isso a desvalorizar o que é material e histórico, vistos como mera aparência), nosso teólogo tenta pensar a ressurreição de Jesus articulando o que seria sua continuidade e sua diferença com relação a tais representações. Segundo ele, a diferença cristã se realizou na continuidade com a própria tradição. Em primeiro plano, assinala, prevalece o comum, a marca da continuidade com a fé presente na tradição bíblica, que por sua vez havia assimilado algo da tradição grega. A partir daí, os discípulos compreenderam e confessaram que Jesus de Nazaré, assassinado injustamente por sua fidelidade a Deus e à sua missão, não permaneceu aniquilado pela morte física. Ao contrário, nele se cumpriu de maneira exemplar o destino do justo, que, por isso mesmo, continua vivo apesar de sua derrota aparente. A diferença cristã aparece assim como explicitação e intensificação máxima do longo processo pelo qual Israel foi captando e aprofundando a revelação de Deus como aquele que ressuscita os mortos. A ressurreição de Jesus deu-se na cruz, lugar supremo de consumação de sua vida e de sua obra. O caminho que a comunidade primitiva fez para entender o que aí aconteceu foi lento e tateante. É ele que deu origem às narrativas pascais, que refletem toda a riqueza da múltipla vivência, individual e coletiva, que no período subsequente ao drama da cruz comoveu os indivíduos e a comunidade. Algumas dessas narrativas, como as do sepulcro vazio e as das aparições, retratam as representações de então, mas não são “provas” capazes de fundar a fé na ressurreição. Elas são uma das maneiras de dizer que Jesus em pessoa não havia sido aniquilado pela crucifixão, mas que ele estava ressuscitado e glorificado em Deus.

Repensado o quadro geral no qual entender a ressurreição de Jesus, Torres Queiruga tenta, nos dois últimos capítulos (Capítulo 5º: *Ressuscitados com Cristo*; Capítulo 6º: *Jesus, o primogênito dos defuntos*), tirar as conseqüências de seu estudo para a compreensão de nossa própria ressurreição. Segundo ele, o que aconteceu com Jesus é revelação da verdadeira natureza e ação divinas. Isso quer dizer que Deus não começou a ressuscitar os seres humanos somente a partir do Nazareno morto e ressuscitado. Em Jesus Cristo no entanto temos acesso à maneira de ser e de agir de Deus, “*um Deus de vivos e não de mortos*” (Mc 12,27). A intensidade única da vida de Jesus e o profundo drama de sua morte abriram os olhos dos discípulos, levando-os a perceber em toda a sua força, radicalidade e atualidade o amor ressuscitador de Deus. É a partir daí que temos que entender a afirmação de que o Cristo é o “*primogênito dentre os mortos*”. O que é assim afirmado não é a cronologia nem o isolamento, mas a excelência e a primazia fraternal. Desse modo, o verdadeiro e autêntico caráter “primicial” da ressurreição de Jesus deixa-se sentir em toda a sua eficácia no que tem de revelação e de abertura de novas possibilidades. Esta primazia na ordem da revelação apóia-se porém numa primazia de tipo

ontológico, mostrando-nos que o que é revelado é aquilo que Deus é desde sempre e o que ele quer para a humanidade.

Se, como Jesus, ressuscitamos na hora da morte, como entender os textos que falam da ressurreição da carne ou os que prognosticam um tal evento para o último dia ou a parusia? Para Torres Queiruga, a ênfase na ressurreição da carne, baseada na antropologia bíblica que entende o humano na identidade profunda entre corpo, alma e espírito, deve ser entendida em seu sentido mais profundo, que é o da afirmação da identidade pessoal. O que ressuscita, diz ele, é a totalidade de nosso ser na rede de relações que o constituiu. Como Jesus, nossa ressurreição é transcendente. Ressuscitamos com nossa identidade total na hora da morte. Não há que pensar isso em termos biológicos, que supõem o espaço e o tempo. Quanto à espera do último dia, ela nos remete à verdade da comunhão dos santos, que é incompleta enquanto algum dos membros do corpo do Senhor glorioso ainda não estiver participando da plenitude para a qual ele é prometido. A relação dos vivos com os defuntos adquire assim um novo sentido. Ela deve pautar-se na relação que temos com o Cristo ressuscitado. Segundo o teólogo galego, é preciso repensar também muitos elementos da liturgia dos defuntos, pois ainda não foram fecundados pelo real sentido que tem nossa ressurreição à luz da de Cristo. O culto dos santos pode ser um bom modelo, uma vez que ele nos mostra o tipo de comunhão no qual nos introduz a fé na ressurreição dos mortos.

Essa maneira de entender a ressurreição tem ainda outras conseqüências importantes para a existência cristã. Uma delas diz respeito à maneira de se entender o problema do mal, visto desde a perspectiva da morte por Torres Queiruga como parte de nossa finitude. Deus, diz ele, poderia não ter criado o mundo. No entanto ele o criou, o que significa que o mesmo é finito e obedece a certas leis que não podem ser alteradas a todo instante por seu intervencionismo. No mundo assim criado emergem a necessidade e a contradição: o mal, mas a fé na ressurreição nos faz crer que, apesar da inevitabilidade do mal, que culmina na morte, Deus o supera ressuscitando os mortos. Além desta conseqüência, nossa fé na ressurreição nos leva a viver a relação com Jesus desde a perspectiva do seguimento, o que nos faz perceber nossa existência mundana desde a perspectiva da práxis histórica, que nos transforma em co-criadores, e desde a perspectiva da esperança, que nos faz crer que a morte não é a última palavra, uma vez que Deus nos chamou do nada para a comunhão consigo.

À diferença dos primeiros livros acima analisados, o de Torres Queiruga é muito mais que uma obra de divulgação dos resultados dos principais debates que ocorreram na escatologia nas últimas décadas do séc. XX. Seu propósito é radical, podendo incomodar a muitos, pois pode parecer pôr em questão os fundamentos mesmos da fé cristã. O autor não nega porém em nenhum momento tais fundamentos, buscando, ao contrário, fazê-los compreensíveis para nossos contemporâneos e seguindo uma das grandes tendências da teologia atual, que é a do diálogo inter-religioso. Talvez aí

se encontre uma das grandes contribuições de sua obra. Contrariamente a muitos teólogos, que no decorrer do último século opuseram a fé na ressurreição à crença na imortalidade da alma, Torres Queiruga faz interagir essas duas maneiras de se pensar a vida depois da morte, mostrando que desde o período helenístico ambas se encontraram e produziram uma síntese que foi fecunda para o cristianismo, podendo hoje iluminar o encontro entre a fé cristã e a espiritualidade oriental. A relação que o autor propõe entre cristologia e escatologia é também fecunda, pois mostra com maior clareza a articulação entre a morte de Jesus e a morte de cada ser humano. Como assinalamos, a teoria da ressurreição na hora da morte tem sido bastante divulgada nos últimos tempos, mas não com tanta clareza e coerência como na obra do teólogo galego.

A riqueza da obra de Torres Queiruga é porém também sua grande fraqueza. Como dissemos, seu intento de repensar a ressurreição desde os pressupostos da *third quest* abre espaço para um diálogo fecundo com outras maneiras de se compreender a vida após a morte. Haveria porém que se perguntar se o autor consegue realmente mostrar “*a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*” como afixa o título de sua obra. Haveria igualmente que se perguntar até que ponto as novas tendências da exegese histórico-crítica dão conta de dizer o mistério que emerge da fé na ressurreição de Jesus e na nossa própria ressurreição. A ausência absoluta de referências às outras tendências presentes hoje na exegese, como a narrativa, a semiótica, a retórica, etc., mostram bem que o principal interlocutor do teólogo galego é a modernidade técnico-científica, a mesma que se tornou objeto das críticas radicais dos pós-modernos e das tendências hermenêuticas que vêm nos grandes símbolos que tentam dizer o mistério de sentido que somos um excesso que nos ultrapassa e nos põe de novo no caminho da interpretação e da ação com sentido na história.

**Geraldo Luiz De Mori, SJ**, é Mestre e Doutor em Teologia pelas Facultés Jêsuítas de Paris — Centre Sèvres (2002). É professor de Antropologia Teológica e Escatologia na Faculdade Jesuítas de Filosofia e Teologia. Publicou recentemente, nos Cadernos de Teologia Pública, da UNISINOS, "A teologia em situação de pós-modernidade".

**Endereço:** Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127  
31720-300 *Belo Horizonte* — MG  
e-mail: geraldodemori@cesjesuit.br

### ***Errata***

*No artigo “Uma anáfora brasileira: a Oração Eucarística V”, no número anterior de nossa revista (páginas 35 a 63), a numeração das linhas no texto da anáfora, nas páginas 43-45, saiu errada, bem como a localização das secções anamnética (com um asterisco \*) e epiclética (dois asteriscos \*\*). A linha 1, onde deveria estar um asterisco é onde se lê “<1> É justo e nos faz todos ser mais santos”. Conseqüentemente a linha 5 é a que começa com as palavras “É ele o sacerdote verdadeiro”. Os dois asteriscos (\*\*) deveriam estar na linha 19, onde se lê “<4> Senhor, vós que sempre quisestes”. As referências posteriores no texto, onde se remete ao número das linhas, diz respeito à numeração correta das mesmas.*